AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU,* referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (https://monografiashistoriaufu.wordpress.com).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia.* Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

1636 S.9(c)

RELAÇÃO DE MONOGRAFIAS DE 1988, (CURSO DE HISTÓRIA)

- A Ideologia disciplinar do Espaço Urbano: Os Hansenianos de Uberlândia.
  Luiz Angelo de F. Fonseca.

- As comunidades Eclesiais de base no processo de Urbanização de Uberlândia.
  Paulo Roberto de O. Santos.

- Associação de Moradores do conjunto habitacional Santa Luzia em Uberlândia
  Rosa Maria de Oliveira

- Reivindicações populares das Associações dos bairros Jardim das Palmeiras e Tocantins.
  Adilson Caetano da Silva.

- "Democracia Participativa", sua lógica e sua prática.
  Cires Canísio Pereira.

- A questão ambiental no Contexto urbano de Uberlândia: 1980 a 1988.
  Ednalúcia M. dos Santos.

- Urbanizaçãõ e Sindicalismo em Uberlândia - 1979 a 1980.
  Eliêne Girôldo.

- Urbanismo e meio ambiente. Conflito ou harmonia?
  Miriam Alves das Santos.

- A Juventude dos movimentos Espiritualistas da Igreja Católica de Uberlândia - 1965 a 1984.
  Wolney Honório Filho.

***

LABORATÓRIO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DE HISTÓRIA - UFU
N.º
Data / /

LABORATÓRIO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DE HISTÓRIA - UFU
N.º 1186
Data 04/11/96

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA EM HISTÓRIA - CDHIS
CAMPUS SANTA MÔNICA - Bloco 1 Q (Antigo Mineirão)
AV. UNIVERSITÁRIA S/N.º
38400-902 - UBERLÂNDIA - M.G. — BRASIL

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E ARTES
DISCIPLINA: BRASIL VII
PROFESSOR: ANTÔNIO DE ALMEIDA
PERÍODO: 9º

URBANIZAÇÃO E SINDICALISMO EM UBERLÂNDIA 1979 a 1980

Eliêne Girôldo

Uberlândia
Novembro/1988

ÍNDICE

01 - INTRODUÇÃO .....01 - 05

02 - O SINDICATO PARA ALÉM DAS PAREDES DA FÁBRICA.....06 - 18

03 - CONCLUSÃO .....19 - 20

04 - BIBLIOGRAFIA .....21 - 22

I N T R O D U Ç Ã O

A origem da classe operária brasileira remonta aos últimos anos do século XIX e está viculada ao processo de transformação' na nossa economia, cujo centro agrário-exportador cafeeiro ainda era predominante. Porém, ao introduzir o trabalho assalariado em substituição ao dos escravos, ao transferir parte de seus lucros para atividades industriais e ao propiciar a constituição de um amplo mercado interno, a economia agro-exportadora criou, em um primeiro momento condições básicas para o desenvolvimento do capital industrial no Brasil. E com isso logo surgiu os primeiros núcleos operários instalados principalmente nas regiões de São Paulo e Rio de Janeiro.Foi no seio deste processo que surgiram as primeiras lutas operárias no país.

" Os caminhos trilhados por essa classe operária e pelos próprios sindicatos são bastante tortuosos, pois, o capital sendo um grande aliado do Estado procura de todas as maneiras meios que proporciona uma acumulação maior, e para que isto aconteça os sindicatos e a classe operária precisam ser reprimidos ao máximo." (1)

Mesmo enfrentando opressão desde as primeiras décadas do século XX, o sindicalismo brasileiro vem lutando a procura de melhores condições de vida e de trabalho.

---

1 - REZENDE, Antônio Paulo,"História do Movimento Operário no Brasil", Ed. Ática, 1986, São Paulo, 88p.

Contudo, face a amplitude do tema, sindicalismo brasileiro, neste trabalho, a proposta é entender como os sindicados em Uberlândia, trabalham os problemas vivenciados pela classe operária' local em suas lutas contra a opressão capitalista a partir de 1979 .

Como sabemos, o movimento operário brasileiro sofreu muito com a ditadura militar, pois, o medo, a repressão estavam presentes em todos os lugares da sociedade, e principalmente nos sindicatos e partidos, vistos como esquerdistas. Somente, a partir de 1979, é que a classe operária brasileira começa a reconquistar seu espaço, depois de um grande reflexo correspondente ao período da ditadura militar.

A partir de 1979, encontramos o sindicalismo brasileiro, lutando por melhores condições de trabalho e de vida. A classe operária na medida do possível deixa de lado o medo introjetado pela ditadura mulitar.

Tal questão se reflete em Uberlândia. Por volta de 1979, temos a greve dos professores e a formação da União dos Trabalhadores de Ensino - UTE, a nível de Uberlândia. O que se percebe é que o sindicalismo Uberlândense começa a se organizar e debater problemas de suma importância para a classe trabalhadora.

Sendo assim, a opção em se privilegiar esse período está associado as próprias condições em que se encontrava o sindicalismo uberlândense anteriormente, o qual não tinha nenhuma proposta de trabalho que visasse a atender aos interesses da classe operária.

Po outro lado a pretensão do presente trabalho é associar as práticas organizativas desenvolvidas no interior dos sindicatos e o processo de urbanização em Uberlândia. Para que possamos discutir e compreender essa questão, desejamos trabalhar basicamente com o Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Alimentação

de Uberlândia.

Para nós uma entidade sindical é como uma escola para o trabalhador. É no sindicato que há lugar para discutir os problemas, que os trabalhadores possuem fora e dentro da fábrica. Neste processo de discussão os empregados são educandos e educadores, os quais na medida em que vão trocando seus conhecimentos, vão aprendendo a lutar de uma forma mais organizada e coesa. (1)

Tendo o STIAU, como dever principal o interesse em colaborar, organizar e tentar mostrar aos trabalhadores os problemas políticos e sociais causados pelo capital, como que esta entidade discuti a questão da urbanização nesta cidade? Será que o STIAU, preocupa-se em saber quais são as condições da infra-estrutura dos bairros onde moram os trabalhadores? Será que o sindicato organiza ou colabora com as associações de bairro ou outras entidades quaisquer em algum trabalho que possui como objetivo principal a melhoria da infra-estrutura nos bairros habitacionais, onde moram os trabalhadores? E em contrapartida, como que os trabalhadores vêem o trabalho do STIAU, em relação a questão da urbanização em Uberlândia?

Estas são questões que no desenvolvimento do trabalho, vamos tentar discutir, pois, as mesmas é de suma importância para os trabalhadores. Vamos procurar fazer um trabalho bastante diferente de várias análises historiográficas existentes sobre o movimento sindical. Desejamos entender qual é a maneira que o sindicalismo uberlândense trabalha uma questão que não está diretamente ligada a produção e sim ao social, pois, o que interessa para o operário não é apenas o salário que este recebe ao vender sua força de trabalho. O trabalhador é marginalizado fora e dentro dos muros da fábrica, sen-

do assim, é interessante saber como que o sindicato ao qual é filiado, trabalha questões como a urbanização.

A urbanização faz parte de todo um processo social, está muito ligada ao modo de trabalhar as relações sociais, pois, na maioria das vezes é muito difícil asfaltar um bairro habitacional. Falamos isto porque com esta pavimentação o capital não produz lucros. Ora, este asfaltamento pode ser conseguido de duas maneiras, uma, através de lutas e reivindicações da própria comunidade do bairro, ou através de algum "presente" que o capital ofereceu.

Este exemplo que utilizamos acima para explicar um pouco a questão da urbanização, nos possibilita a compreender que o capital externaliza os problemas para o social resolver. De repente, a poluição causada pela fábrica, não é problema para o capitalista resolver, mais sim a sociedade a qual terá que fazer o possível para solucionar tal questão e outras que a cada momento vão tornando mais difícil de achar a solução.

Mesmo tendo dificuldades em encontrar fontes para discutir a questão da urbanização, (pois, as mesmas encontradas na entidade não conseguiram resolver todas as nossas problematizações, e sendo assim, tivemos que trabalhar com entrevistas orais, as quais, foram de suma importância para entendermos um pouco os problemas relacionados com a urbanização, a qual faz parte do cotidiano do operário.)

Para uma compreensão melhor deste trabalho, sentimos a necessidade, no desenvolvimento da pesquisa, de ir discutindo os problemas relacionados com a urbanização em Uberlândia no período de 1979 a 1988. Para compreender a urbanização, procuramos mostar criticamente como que o capital externaliza seus problemas para a sociedade resolver e em contrapartida como que o sindicalismo brasileiro,

principalmente, o uberlândense trabalha os problemas relacionados a externalização do capital como por exemplo a urbanização, a qual é um problema que o trabalhador enfrenta todos os dias.

Este final fica repetitivo.
Talvez, a partir daqui, apresentar a disposição do trabalho.

O SINDICATO PARA ALÉM DAS PAREDES DA FÁBRICA

Para que possamos compreender melhor o conceito de urbanização, torna-se importante verificar como que a historiografia vem discutindo tal questão; pois esta, está muito ligada ao social.

André Gorz em "Estratégia Operária e Neocapitalismo", faz algumas colocações a respeito da questão social, as quais nos possibilita entender um pouco mais esta malha negra que é o fator social, em nossa sociedade.

Vivemos em uma sociedade capitalista, "a qual é incapaz de resolver no fundo os problemas essenciais de seu desenvolvimento, porém, à sua maneira resolve-os através de concessões e conciliações passageiras que visam torná-lo suportável".(1)

O capitalismo como podemos verificar não consegue resolver os seus problemas, pois, de certa maneira isto é algo que não o prejudica, porque mesmo havendo problemas, o sistema capitalista continua obtendo lucros, o que é interessante para a burguesia. O capital, percebendo que os problemas estão se agravando procura meios com que estes problemas sejam transferidos para o âmbito social. Assim, estes problemas não são de responsabilidade do capital e sim da sociedade, a qual terá que procurar resolvê-los.

---

(1) - GORZ, André, "Estratégia Operária e Neocapitalismo", Zahar , Rio de Janeiro, 1.968, pag. 12.

(2) - CAMARGO, Azael Rangel, "O Estado e o Urbano no Brasil: da Crise Urbana e Falência no "Aparelho Conceitual" Urbanístico do Estado. A um Novo Paradigma Urbano e Seu Impacto Social ao Gerar "Novas" Questões Urbanas. In: Cidade e Estado Políticas Públicas no Desenvolvimento Urbano, pg. 111 a 148.

Esta é uma questão bastante complexa, o capitalismo não está preocupado em resolver problemas da classe operária, pois, o que ele deseja é obter mais lucro.

Azael Rangel Camargo, em seu texto "O Estado e o Urbano no Brasil: Da Crise Urbana e Falência do "Aparelho Conceitual" Urbanístico do Estado, A Um Novo Paradigma Urbano e Seu Impacto Social ao Geral "Novas" Questões Urbanas", trabalha de uma maneira brilhante, a questão da externalização do capital. "Alternalização de poluição das indústrias que não fazem tratamento, elas estão externalizando essa poluição em quem paga por isso em Perus, por exemplo é toda a população, no caso de São Paulo, num dia de reversão térmica, ninguem consegue andar na cidade, então na realidade quem paga por isso? é socializado nesse sentido, a empresa não paga o custo do tratamento do poluente, mas ela o externaliza, ela deixa para sociedade tratar e todo mundo é obrigado a intervir, e é aí que entra a questão do conflito do estado ter que intervir ou de alguém ter que intervir dentro dessa lógica.(2)

Todavia, verificamos que o capital procura de todas as formas externalizar os problemas para o social, pois, ele só, não consegue resolver os seus próprios problemas. Mas, se de um lado, encontramos o capital mantendo essa posição firme em relação aos seus problemas, de outro lado vamos encontrar os trabalhadores dominados e explorados. Porém, mesmo estando em uma sociedade marginalizadora, os trabalhadores, não param de lutar por melhores condições de vida e de trabalho. Na medida em que estas reivindicações vão sendo aceitas, os trabalhadores vão adquirindo força e confiança em si próprios. Isto é de suma importância para que assim os trabalhadores vão aos poucos aprendendo a lutar contra a exploração que a sociedade capitalista lhes impõem. Contudo, para muitos, es-

tas reivindicações aceitas servem apenas para dar mais força ao capitalismo sobreviver, pois, tais mudanças não o afetam de uma forma brutal.

Se de um lado, estas reformas não conseguem afetar o capitalismo de uma maneira brutal, de outro lado, verificamos que estas reformas foram frutos de uma luta organizada, coesa, onde os trabalhadores empenharam em conseguir o que pretendiam em suas reivindicações, é lógico que estas reformas são de caráter reformistas, pois o capital teve que seguir e atender as reivindicações dos trabalhadores.

Mesmo que estas reformas não abalem tanto o capitalismo, elas são muito importantes para os trabalhadores, pois, o atendimento de suas reivindicações é uma grande vitória conseguida através de uma luta com o capital.

Segundo Simone Weil, "A Racionalização", "a sociedade burguesa está atacada pela mania da contabilidade, nada tem valor se não está contabilizado em números, e sendo assim não hesitam em sacrificar vidas humanas as cifras que impressionam no papel. Todos nós sofremos um pouco o contágio dessa idéia fixa - o dinheiro".(3)

Realmente, o dinheiro é um dos problemas mais sérios em nossa sociedade. É devido a ele que a sociedade torna-se tão brutal e individualista. Os indivíduos transformam-se na maioria das vezes em pessoas más e insensíveis à medida que vão adquirindo poder. E na medida em que as pessoas vão obtendo poder, elas não se preocupam com seus empregados, pois, o que é importante é ter mais poder, seja econômico, ou político, pois, o que o capitalista deseja é obter

---

(3) - WEIL, Simone, "A Racionalização". In: A condição operária - e outros estudos sobre a opressão. Paz e Terra, RJ, 1979. pg 111 a 127.

uma acumulação de capital cada vez maior, mesmo que para isto tenha que sacrificar muitas vidas humanas.

No seio desta sociedade, contagiada pelo dinheiro, encontramos a classe operária sofrendo por estar sujeita a vontade arbitrária dos quadros dirigentes da sociedade que lhe impõem fora da fábrica seu padrão de existência e dentro da fábrica suas condições de trabalho. A exploração da classe operária pode ir além da jornada de trabalho dentro de uma fábrica, pode alcançar todo o seu cotidiano.

Bem, se os trabalhadores estão vivendo em uma sociedade marginalizadora, a qual procura sempre encontrar novas formas e métodos para explorar o operário, dentro e fora dos muros das fábricas, como que o sindicalismo vem trabalhando tal questão?

Segundo a análise historiográfica de Antonio Paulo Rezende "História do Movimento Operário no Brasil" (4) os sindicatos são entidades que possuem como principal objetivo, educar os operários, ou seja, mostrar aos trabalhadores como é a verdadeira sociedade capitalista, pois, o que o capital deseja é acumular sempre mais e para isto os grandes burgueses não se preocupam com a situação dos operários, fora e dentro dos muros das fábricas.

Os sindicatos precisam ser uma grande escola, onde os operários aprendem a conhecer melhor as ideologias, que o sistema capitalista utiliza para se manter no poder, e em contra partida, lutar por uma sociedade mais humana e igualitária.

Face a amplitude do tema sindicalismo brasileiro, temos como proposta questionar a maneira que os sindicatos em Uberlândia estão encaminhando juntamente com os operários, lutas contra a o-

repetido

(4) - REZENDE, Antonio Paulo, "História do Movimento Operário no Brasil", Ed. Ática, 1986, 85 pag.

pressão capitalista no período de 1.979 a 1.980. Como sabemos, foi por volta do final da década de 70 que o sindicalismo brasileiro começou a acordar do seu sono, que teve início em 1964. Sabemos que após o golpe de 64 a luta operária reiniciou-se lentamente devida as danosas consequências oriundas do arrocho salarial. Em 1968 temos no cenário brasileiro duas greves gerais, a de Osasco e de Contagem, nas quais os trabalhadores foram derrotados. E assim, sob o domínio da ditadura militar, o movimento operário levou lo anos para se recuperar, do fracasso oriundo do golpe militar em 64 e das duas greves surgidas por volta de 1978.

Uberlândia, sendo uma cidade de porte médio, possue em seu seio praticamente todas as características das outras cidades brasileiras, ou seja, de um lado, encontramos a burguesia dominando todas as relações sociais, de outro lado, o proletariado cada vez mais marginalizado o qual é visto como mais uma peça de uma máquina dentro do processo de produção. O movimento operário Uberlandense sendo uma partícula que faz parte do movimento operário brasileiro só começou a acordar a partir de 1.979, pois no período da década de 60 até o final da década de 70, o sindicalismo Uberlândense não possuía nenhuma perspectiva de trabalho a nível de organização e de luta contra a opressão do capital. Isto talvez seja devido ao medo às ameaças que os diretores sindicais sofriam no período da ditadura militar. Este medo fez com que os sindicatos em Uberlândia se transformassem em entidades meramente assistencialistas.

Não pretendemos fazer uma discussão cronológica a respeito do movimento sindical uberlandense no período de 1979 a 1988 e muito menos trabalhar com categorias específicas do modo de produção, pois o que nos interessa é trabalhar o social principalmente a questão urbana, a qual está indiretamente ligada ao econômico, ao

modo de produção. Mesmo assim, não podemos pensar em momento algum que o social está isolado do processo econômico em uma sociedade, isto porque, a própria sociedade é parecida com uma rede repleta de diferentes pontos, os quais são bastante unidos. Para discutir tal questão desejamos trabalhar basicamente com o Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Alimentação de Uberlândia - STIAU.

Conforme João Batista de Lima "o STIAU é constituído para fins de estudo, coordenação, proteção e representação legal da categoria profissional dos trabalhadores em indústrias de alimentação, visando melhorias nas condições de vida e de trabalho de seus representados". (5)

"É dever da entidade manter relações com as demais associações de categorias profissionais, para concretização da solidariedade social e defesa dos interesses nacionais, e é de grande importância lutar sempre pelo fortalecimento da consciência e organização sindical. Enfim, o Sindicato existe para o bem estar dos trabalhadores". (6)

Tendo o sindicato como dever principal, o interesse em colaborar, organizar e tentar mostrar aos trabalhadores os problemas causados pelo capital, como que esta entidade discute a questão da urbanização nesta cidade? Será que o STIAU preocupa-se em saber quais são as condições da infra-estrutura dos bairros onde moram os trabalhadores? Será que o Sindicato organiza ou colabora com as associações de bairros ou outras entidades quaisquer em algum trabalho que possue como objetivo principal a melhoria da infra-estrutu-

---

(5) - Depoimento de João Batista de Lima, 1º Secretário do STIAU no dia 13.06.88.

(6) - Estatuto do STIAU, capítulo 1 do Sindicato e Seus Fins, página 01.

tura nos bairros habitacionais, onde moram os trabalhadores? E em contra partida, como que os trabalhadores vêem o trabalho do STIAU, em relação a questão da urbanização em Uberlândia?

Para que possamos discutir tais questões, torna-se necessário resgatar um pouco da própria História da Entidade, pois somente assim conseguiremos entender um pouco os problemas que o próprio sindicato possue em relação a tais questões.

No início da década de 70, encontramos na presidência do STIAU, Josué Francisco Regis. Durante toda a década de 70 até vinte de fevereiro de 1986 vamos encontrá-lo presidindo a entidade. Durante todo este período o STIAU foi um sindicato meramente assistencialista. A maioria das assembléias giravam em torno de discussões relacionadas em fazer deste sindicato uma entidade apolítica, preocupada apenas em tentar oferecer aos trabalhadores um médio tratamento hospitalar e odontológico. Com relação as questões relacionadas ao processo de produção, o que encontramos é Atas referentes a discussões sobre o Dissídio Coletivo que tem como data base 01/09. Tais Atas quando existem são praticamente uma xerox de Atas referentes a anos anteriores. O conteúdo das mesmas giravam em torno de reivindicações como: aumento salarial, fornecimento de materiais de proteção, como botas, uniformes e etc., demonstrativo de pagamentos dispensa maternidade, auxílio insalubridade e etc.. A maioria destas Atas parecem que foram originadas de uma forma um tanto mecânica, pois a maioria delas nem ao menos estão assinadas pelo próprio presidente do sindicato, por não falar nos outros membros da diretoria, os quais é difícil até de encontrar os seus nomes nos documentos existentes. Após 1980 já desponta a figura de José de Souza Prado, funcionário da ABC Indústria e Comércio S/A - ABC INCO, acompanhando as negociações entre os patrões e empregados no processo re-

lacionado ao dissídio coletivo. Isto é muito importante, pois na década de 60 não existia nenhum funcionário ocupando esta posição.

Mesmo que o STIAU, sendo uma entidade meramente assistencialista na década de 60, 70 e início de 80, percebemos que o movimento sindical uberlândense a partir de 1979 começa a deixar o medo de lado e inicia-se um processo ainda bastante lento contra a exploração capitalista.

Em 03 de Fevereiro de 1983, há votação para eleger a nova diretoria da entidade. Para concorrer às eleições existe duas chapas. A chapa 01 possue como presidente Josué Francisco Regis e a chapa 02 José de Souza Prado. No final da votação em 03.02.83 após as apurações, encontramos o seguinte resultado: chapa 01 = 942 votos, chapa 02 = 1.200 votos, 16 votos em branco e 50 votos nulos. Mesmo sendo vitoriosa a chapa 02 esta não pôde assinar o termo de posse, porque Josué Francisco Regis tentou de todas as maneiras possíveis para a época, impugnar a chapa 02. Somente depois de longas discussões o delegado regional do trabalho passou às mãos de José de Souza Prado a diretoria do sindicato em 21.02.1986.

Com José de Souza Prado, na diretoria do sindicato, o que percebemos é que a entidade está discutindo os problemas relativos ao processo de produção de uma maneira muito interessante. Antes de fazer a relação das reivindicações para serem discutidas no processo do dissídio coletivo, o presidente do STIAU faz assembléia com todos os empregados da categoria de alimentação e conforme o resultado destas assembléias é que surgem as reivindicações para serem discutidas juntamente com os patrões na época do dissídio da categoria profissional.

Por mais que o presidente procura trabalhar com os operários, percebemos que a entidade continua um tanto presa ao assistencialismo. Parece que o sindicato procura através das assistências oferecidas aos associados como: serviço médico, odontológico, salão de beleza, salão de festas, tentar aumentar o número de associados e o mais importante levar os trabalhadores para dentro do sindicato. Conforme a fala de João Batista de Lima, "uma das maneiras de levar os trabalhadores para o sindicato é oferecer a estes o maior número de assistências, sejam estas relacionadas com a saúde, a higiêne ou ao lazer, pois isto não é preocupação da classe burguesa uberlandense, e a outra forma é tentar lutar de uma maneira organizada contra a exploração e a degradação do trabalhador no processo de produção".(7)

Esta necessidade de aumentar o número de associados, de levar os trabalhadores para discutir as reivindicações da categoria é um dos problemas sérios que a atual diretoria enfrenta. Em primeiro de setembro de 1986, mais de dois mil funcionários ligados diretamente a Companhia de Cigarros Souza Cruz entraram em greve. Foram onze dias de vigílias e sacrifícios dos funcionários da Companhia de Cigarros Souza Cruz. No final desses onze dias houve uma assembléia no sindicato para saber se continuava ou parava a greve. Nesta assembléia apareceu 473 funcionários, ou seja, menos de 25% dos funcionários da empresa. Nesta assembléia houve 284 votos contra a continuação da greve e 189 a favor da greve. Após esta assembléia os funcionários voltaram ao trabalho sem ter conseguido nenhum aumento salarial. O que percebemos, é que o STIAU procura de todas as

(7) - Depoimento de João Batista de Lima, 1º secretário do STIAU, em 04/10/1.988.

maneiras aumentar o número de seus associados visto que é de grande importância para o fortalecimento do sindicato e da categoria.

Outra questão importante a ressaltar, é que o STIAU ao lutar junto com os trabalhadores sejam em greves, ou em outros tipos de lutas, a diretoria não se preocupa em questionar problemas que não estejam ligados diretamente a produção. Em nenhuma greve existente em Uberlândia no período compreendido entre 1986 a 1988, em nenhuma Ata, jornal, ou panfleto, nós não encontramos a entidade preocupada com os problemas dos trabalhadores em relação a urbanização na cidade de Uberlândia. Ora, se a entidade possue como um dos objetivos, a coordenação, proteção e representação legal da categoria profissional dos trabalhadores em indústrias de alimentação, visando melhorias nas condições de vida e de trabalho de seus representados, como que este sindicato não discute o problema da urbanização na cidade?

Conforme fala de João Batista de Lima "em primeiro lugar o sindicato está preocupado em trazer os trabalhadores para dentro da entidade. Depois, começar um processo de trabalho, o qual possue o objetivo de conscientizar a classe trabalhadora, visto que o trabalhador estando consciente dos problemas políticos e sociais, de sua cidade, do estado e do País, ele terá condições de lutar em prol das melhorias do bairro onde vive". (8)

Sobre a fala do 1º secretário do Sindicato, temos duas colocações para serem discutidas. A primeira, é em relação a questão da conscientização da classe operária e a segunda por que o sindicato não se preocupa diretamente com os problemas causados pela urbanização, uma vez que isto faz parte dos problemas enfrentados pelos trabalhadores?

(8) - Depoimento de João Batista de Lima, 1º sec. STIAU, em 08/88.

Percebemos que o STIAU procura de todas as maneiras tentar fazer um trabalho de conscientização da classe operária. Para que esta tarefa tenha bons rendimentos, segundo a diretoria do STIAU, é de suma importância que os trabalhadores sejam associados dos sindicato, porque somente assim a entidade conseguirá ser mais forte e os trabalhadores conscientes dos problemas que o cercam. Esta preocupação que o sindicato possue em relação aos trabalhadores é muito interessante, visto que a maioria dos operários do setor não é filiado ao sindicato.

Esta é uma questão complicada, e para que possamos entender é necessário tentar compreender pelo menos um pouco as especificidades dos trabalhadores da cidade de Uberlândia. Segundo depoimento de João Batista de Lima, "uma grande parte dos trabalhadores da categoria veio de outras cidades menores que Uberlândia e por serem pessoas um tanto humildes elas trazem consigo o medo de filiar-se ao sindicato, sendo assim é muito difícil fazer um trabalho tentando colaborar no processo de conscientização da classe operária".(9)

Talvez, seja por falta de apoio dos trabalhadores, que o STIAU não preocupa diretamente com o problema da urbanização. O que sentimos é que a entidade procura em primeiro lugar ter o apoio dos trabalhadores, ter um grande número de associados para que assim possa ter condições de organizar um processo de luta de uma forma bem coesa.

Se de um lado, encontramos o STIAU preocupado em aumentar o número de associados, em conscientizar a classe operária, de outro lado temos os trabalhadores de certa forma insatisfeitos com a entidade.

(9) - Depoimento de João Batista de Lima, 1º sec. STIAU, em 06/88.

Conforme percebemos a maioria dos associados do STIAU nunca tentou nem ao menos fazer algum questionamento em relação a questão da urbanização em Uberlândia, a maioria dos trabalhadores nunca foram nem ao menos na sede do sindicato. Sentimos que esse vazio existente no sindicato seja devido as próprias especificidades dos problemas enfrentados pelo movimento operário de Uberlândia.

Entrevistando alguns associados do STIAU, percebemos que os operários não vêem nada de positivo na atitude que o sindicato possue em relação a questão da urbanização. Em contra partida em relação aos problemas relacionados com o modo de produção, os trabalhadores estão de certo modo satisfeitos com o trabalho do sindicato.

Realmente, o que se pode verificar é que o STIAU é um dos sindicatos de Uberlândia que mais está lutando ao lado dos trabalhadores. É lógico que este processo de luta precisa encontrar meios para crescer e se fortalecer. Todavia, sendo o STIAU uma entidade a nível de Uberlândia, um tanto progressista, sentimos que é muito importante ampliar suas formas de ajudar a classe operária. Para nós o sindicato é como uma escola para o trabalhador, e por isto é obrigação do mesmo colaborar com os trablahadores em suas reivindicações tanto a nível social, político e econômico. Os Trabalhadores além de serem marginalizados dentro dos muros de uma fábrica, ele é super explorado em todo seu cotidiano, seja em casa, nas ruas, no lazer, enfim, em todos os lugares que a sociedade capitalista impõe a sua dominação.

Como já colocamos o capitalismo procura de todas as maneiras externalizar seus problemas para toda sociedade, e sendo assim torna-se necessário que o sindicato comece a discutir os proble

mas que os operários possuem tanto no âmbito social como no âmbito da produção. É interessante discutir com os operário-o porque da existência de infra-estrutura completa nas proximidades de uma fábrica, enquanto que na maioria dos bairros onde os operários moram isto não existe?.

Ora, isto são questões sérias que são interessante que o sindicato discuta juntamente com os seus associados, pois as questões relacionadas com o social também faz parte de um conjunto de problemas existentes em todo o cotidiano do trabalhador, pois o trabalhador é marginalizado dentro e fora dos muros de uma fábrica.

C O N C L U S Ã O

Sentimos que o STIAU, é ainda um sindicato que continua um tanto preso ao assistencialismo. Talvez esta prática seja uma das maneiras de convidar os trabalhadores para tornar-se associado da entidade. Mesmo existindo assistência a diretoria procura fazer um trabalho bem organizado onde procuram discutir os problemas econômicos e políticos.Este é um fator muito importante, porque mesmo com tantos problemas enfrentados pela entidade, a mesma procura caminhar juntamente com o trabalhador a procura de uma sociedade mais justa.

Em relação a questão dos problemas relacionados à produção o STIAU, através de seu presidente José de Souza Prado, está fazendo um trabalho muito importante, onde tenta mostrar aos operários do setor de alimentação que a sua força de trabalho está sendo vendida por um preço muito baixo, e para que essa mercadoria seja vendida por um valor mais alto, é necessário muita luta e muita união por parte da classe operária.

Sabemos que o capital procura externalizar seus problemas para a sociedade. Sendo assim o STIAU, juntamente com o movimento sindicalista brasileiro não pode continuar a trabalhar apenas na esfera do fator econômico. É necessário ampliar esta luta, discutir com a classe operária os seus problemas do dia a dia, pois, isto é uma questão de grande relevância para a classe operária. A humanidade ao mesmo tempo que está ligada ao fator econômico está também fazendo parte de um contexto social muito complexo.

O STIAU é ainda uma entidade que está em crescimento, mas nem por isso ele pode deixar de lado a questão da urbanização.

Torna-se necessário discutir esta questão e muitas outras relacionadas ao social, com os trabalhadores, porque isso faz parte de um processo enorme, o qual procura cada vez mais introjetar no homem o medo, a opressão, porque isto é um dos fatores que impede aos homens de lutar por uma sociedade mais humana.

Se de um lado a sociedade capitalista oprime de uma forma brutal a classe proletária, de outro lado, o sindicato sendo uma escola para o trabalhador, onde todos juntos e unidos procuram encontrar soluções para seus problemas, torna-se importante que esta entidade faça um trabalho seguindo uma prática política, onde possam discutir as diversas questões sociais e políticas.

Neste sentido, pensamos que o sindicato é uma entidade que está realmente ao lado do trabalhador. Por isto percebemos que é muito importante para a classe operária uberlandense ter um STIAU, procurando encontrar soluções para seus problemas internos, ampliando o seu quadro de associados e o mais importante, discutindo juntamente com as questões políticas e econômicas as de caráter social, como por exemplo a urbanização em Uberlândia.

obs

(1) Até os pobres [illegible] necessário [illegible] mais a [illegible] o objeto seu trabalho: a pessoa do trabalho [illegible] da [illegible] do produção.

(2) O trabalho está muito repetitivo. Os elementos do introduzido quase todo se repete no corpo do trabalho. As palavras tão se repetem no interior dos fatos, que deveria ser melhor trabalhado.

(3) O desenvolvimento do trabalho está muito [illegible], se limita [illegible] os fatos e, [illegible] assim, o análise do autor pouco aprofunda.

(4) A população principal pouco foi trabalhada.

B I B L I O G R A F I A

01 - REZENDE, Antônio Paulo," História do Movimento Operário no Brasil", ed. Ática, 1986, São Paulo, 88p.

02 - F. Engels, " Do Socialismo Utópico ao Socialismo Científico" , Estampa, 1980, 95p.

03 - ANTUNES, Ricardo C, " O Que é Sindicalismo", Brasiliense, SP , 1980, 95p.

04 - CARDOSO, Ciro Flamarion," Uma Introdução à História" In: Os Passos da Pesquisa Histórica, Brasiliense, São Paulo, 1986.

05 - RODRIGUES, José Albertino,"Sindicato e Desenvolvimento no Brasil", 1983, São Paulo, 185p.

06 - DUARTE, Ozeas "Os Mercadores de Ilusões", Brasil Debates, SP , 1988.

07 - LÊNIN, V. L. "Que Fazer", Hucitec, 1979.

08 - WEI, Simone," A Condição Operária e Outros Estudos Sobre a Opressão, Paz e Terra, RJ. 1979.

09 - GORZ, André, " Estratégia Operária e Neocapitalismo, Zahar,RJ, 1968.

10 - HAUPT, Georges, " Porque a História do Movimento Operário?

11 - CAMARGO, Azael Rangel," O Estado e o Urbano no Brasil: Da Crise Urbana e Falência no "Aparelho Conceitual" Urbanísticos ' do Estado. A um Novo Paradigma Urbano e seu Impacto Social ' ao Gerar "Novas" questões Urbanas.

12 - Todos os livros de Atas existentes no STIAU desde 1970.

13 - Todos os jornais, panfletos e cartas enviadas e recebidas desde 1970.

14 - Estatudo do STIAU.

15 - Entrevistas com alguns trabalhadores, associados e com membros' da Diretoria da Entidade.